

**APARATO CRÍTICO – TRADUÇÃO DE ALGUNS TEXTOS DE AUTORES
FUNDACIONAIS PARA OS ESTUDOS DA NEGRITUDE E AFRODIASPÓRICOS:
FRANTZ FANON, LÉON-GONTRAN DAMAS E AIMÉ CÉSAIRE.**

Camila do Valle (UFRRJ)ⁱ

172

Eis aqui textos que fazem parte incontornável da historiografia a respeito dos estudos da “negritude” ou, ainda, do que, arqueologicamente, na contemporaneidade, se avizinham de uma noção que poderia ser nomeada como afrodiaspórica. Segue, aos textos, uma foto do *L'etudiant noir*, o primeiro jornal feito por estudantes negros em Paris, em 1935, cujos editores, também poetas, cunharam o termo “negritude”. São documentos históricos, inclusive, por serem contemporâneos das “Exposições universais” que se realizavam em Paris e outras capitais da Europa. Exposições nas quais os “outros” povos, “outros” em relação aos europeus, eram postos em exibição como “exóticos”, em um procedimento que, em tudo, pode ser descrito como um “zoo humano”.ⁱⁱ Em 2012, o Museu do *Quai Branly* realizou, em Paris, uma exposição sobre as “Exposições Universais”, na qual expunha criticamente os procedimentos utilizados. Também é muito importante ressaltar a antecipação, na carta de Frantz Fanon aqui apresentada, de questões que, mais tarde, farão parte central do projeto investigativo de Michel Foucault, que resultará, em especial, em seu paradigmático *História da Loucura*.

FANON, Frantz. “Carta em que pede sua demissão ao representante do governo colonial francês na Argélia”

Carta ao Ministro Residenteⁱⁱⁱ (1956)

Senhor Doutor Frantz FANON,
Médico de Hospitais Psiquiátricos,
Médico de plantão no hospital psiquiátrico de Blida-Joinville,
ao Senhor Ministro residente,
Governador Geral da Argélia

Argel
Sr. Ministro,

a meu pedido, e por despacho datado de 22 de outubro de 1953, o ministro da Saúde Pública e da População informou-me colocado à disposição do Sr. Governador Geral da Argélia para ser atribuído a um Hospital Psiquiátrico na Argélia.

Instalado no hospital psiquiátrico de Blida-Joinville em 23 de novembro de 1953, exerci desde aquela data as funções de chefe de serviços médicos. Embora as condições objetivas de prática psiquiátrica na Argélia já fossem um desafio ao senso comum, pareceu-me que os esforços deveriam ser feitos para tornar menos viciado um sistema no qual as bases doutrinárias se opõem diariamente a uma autêntica perspectiva humana. Por quase três anos, encontrei-me totalmente ao serviço do país e dos homens que nele habitam. Não poupei nem esforços, nem meu entusiasmo. Não é só uma parte de minha ação que exigiu, como horizonte, a emergência, por unanimidade desejada, de um mundo válido.

Mas o que são o entusiasmo e a preocupação com a humanidade, se a realidade cotidiana é tecida de mentiras, covardia e desprezo pelo homem?

Que são as intenções se a encarnação delas é impossibilitada pela escassez do coração, a esterilidade da mente, o ódio dos nativos deste país?

A loucura é uma das maneiras de o homem perder sua liberdade. E posso dizer que, colocado neste cruzamento, eu percebi com horror a extensão da alienação das pessoas neste país.

Se a psiquiatria é a técnica médica que se propõe a permitir que o homem deixe de ser estranho a seus arredores, devo dizer que o árabe, alienado permanente em seu país, vive em um estado de despersonalização absoluta.

O estatuto da Argélia? Uma desumanização sistemática.

Mas a aposta é um absurdo: tentar fazer com que existam alguns valores para os custos, enquanto a ilegalidade, a desigualdade, e o assassinato multiquotidiano dos direitos do homem foram estabelecidos como princípios estatutários.

A estrutura social existente na Argélia se opõe contra qualquer tentativa de colocar o indivíduo em seu lugar.

Senhor Ministro, chega um momento em que a resistência se torna mórbida perseverança. A esperança não é mais a porta aberta para o futuro, mas a manutenção ilógica de uma atitude subjetiva em ruptura organizada com o real.

Senhor Ministro, os eventos atuais que provocam derramamento de sangue na Argélia não constituem aos olhos do observador um escândalo. Isso não é um acidente nem uma pane do mecanismo.

Os eventos na Argélia são a consequência lógica de uma tentativa abortada de descerebralizar um povo.

Não é necessário ser um psicólogo para adivinhar que, sob a aparente bonomia dos argelinos, por trás de sua humildade despojada, há uma exigência fundamental de dignidade. E de nada serve, por ocasião de eventos não simplificáveis, fazer um chamado a qualquer cidadania.

A função de uma estrutura social é o desenvolvimento de instituições atravessadas pelos interesses do homem. Uma sociedade que conduz seus membros a soluções de desespero é uma sociedade insustentável, uma sociedade a ser substituída.

O dever de um cidadão está em dizê-lo. Nenhuma moral profissional, nenhuma solidariedade de classe, nenhum desejo de lavar a roupa da família prevalecem aqui. Nenhuma mistificação pseudonacional acha graça diante da exigência do pensamento.

Senhor Ministro, a decisão de punir os grevistas de 05 de julho de 1956 é uma medida que, literalmente, me parece irracional.

Como os grevistas foram aterrorizados em sua carne e em suas famílias, então tivemos que entender a sua atitude, considerada normal, dada a atmosfera.

Como a abstenção reflete uma tendência de opinião unânime, uma convicção inquebrantável, então toda atitude de sanção era desnecessária, gratuita, irrelevante.

Eu devo dizer a verdade: que o medo não parece ser a característica dominante dos grevistas. Em vez disso, há o desejo inelutável de mexer na calma e no silêncio de uma nova era de paz e dignidade.

O trabalhador na cidade deve colaborar na manifestação social. Mas ele deve estar convencido da excelência da sociedade vivida. Chega um momento em que o silêncio se torna uma mentira.

As intenções dominantes da existência pessoal se acomodam mal aos danos permanentes aos valores mais banais.

Durante muitos meses, minha consciência é sede de imperdoáveis debates^{iv}. E sua conclusão é a vontade de não se desesperar do homem, isto quer dizer, de mim mesmo. Minha decisão não é garantir uma responsabilidade custe o que custar, sob o falso pretexto de que não há mais nada a fazer.

Por todas estas razões, tenho a honra, Senhor Ministro, de lhe pedir gentilmente que aceite minha demissão e o fim de minha missão na Argélia, com os cumprimentos de minha mais elevada consideração.

Dois poemas:

SOLUÇÃO^v - Léon-Gontran Damas^{vi}

E tentei em vão engolir sete goles de água
três a quatro vezes por vinte e quatro horas
minha infância retorna
num soluço convulsivo
meu instinto
tal como o guarda e o ladrão

Desastre
fale-me do desastre
fale-me

Minha mãe querendo um filho com modos muito bons à mesa

As mãos sobre a mesa
o pão não se corta
o pão se parte em pedaços
o pão não se desperdiça
o pão de Deus
o pão do suor do rosto do vosso Pai
o pão do pão

Um osso se come com reverência e discrição
um estômago deve ser sociável
e todo estômago sociável
dispensa arrotos
um garfo não é um palito de dentes
proibição de tirar meleca
ao conhecimento
à vista de todos
e depois mantenha-se digno
um nariz bem educado
não balança o prato

E depois e depois
e depois em nome do Pai
do Filho
do Espírito-Santo
no fim de cada refeição

E depois e depois
e depois desastre
fale-me do desastre
fale-me

Minha mãe querendo um filho *memorandum*

se sua lição de história não está bem sabida
você não irá à missa
de domingo
com sua roupa de domingo

Esse menino será a vergonha do nosso nome
esse menino será nosso pelo amor de Deus

Cale a boca
Já não lhe disse que você tem de falar francês
o francês da França
o francês do francês
o francês francês

Desastre
fale-me do desastre
fale-me

Minha mãe querendo um filho
Filho de sua mãe

Você não cumprimentou a vizinha
novamente com seus sapatos sujos
olha que se eu te pego de volta na rua
sobre a grama ou a Savana
à sombra do Monumento aos Mortos
a brincar
a se divertir com Untel
com Untel que não foi batizado

Desastre
fale-me do desastre
fale-me

Minha mãe querendo um filho muito dó
muito ré
muito mi
muito fá
muito sol
muito lá
muito si
muito dó
re-mi-fá
sol-la-si
dó

Lembrei que você ainda não estava
na sua lição de violão
Um banjo
você diz um banjo
como você diz
um banjo
você diz mesmo
um banjo

Não senhor
você saberá que nós não sofremos
nem ban
nem jo
nem gui
nem tarra
os mulatos não fazem isso
então deixe isso aos negros

Hoquet – Léon-Gontran Damas

Et j'ai beau avaler sept gorgées d'eau
trois à quatre fois par vingt-quatre heures
me revient mon enfance
dans un hoquet secouant
mon instinct
tel le flic le voyou

Désastre
parlez-moi du désastre
Parlez-m'en

Ma mère voulant d'un fils très bonnes manières à table

Les mains sur la table
le pain ne se coupe pas
le pain se rompt
le pain ne se gaspille pas
le pain de Dieu
le pain de la sueur du front de votre Père
le pain du pain

Un os se mange avec mesure et discrétion
un estomac doit être sociable
et tout estomac sociable
se passe de rots
une fourchette n'est pas un cure-dents
défense de se moucher
au su
au vu de tout le monde
et puis tenez-vous droit
un nez bien élevé
ne balaye pas l'assiette

Et puis et puis
et puis au nom du Père
du Fils
du Saint-Esprit
à la fin de chaque repas
Et puis et puis
et puis désastre
parlez-moi du désastre
parlez-m'en

Ma mère voulant d'un fils mémorandum

Si votre leçon d'histoire n'est pas sue
vous n'irez pas à la messe
dimanche
avec vos effets des dimanches

Cet enfant sera la honte de notre nom
cet enfant sera notre nom de Dieu

Taisez-vous
Vous ai-je ou non dit qu'il vous fallait parler français
le français de France
le français du Français
le français français

Désastre
parlez-moi du désastre
parlez-m'en

Ma mère voulant d'un fils
fils de sa mère

Vous n'avez pas salué voisine
encore vos chaussures de sales
et que je vous y reprenne dans la rue
sur l'herbe ou la Savane
à l'ombre du Monument aux Morts
à jouer
à vous ébattre avec Untel
avec Untel qui n'a pas reçu le baptême

Désastre
parlez-moi du désastre
parlez-m'en

Ma mère voulant d'un fils très do
très ré
très mi
très fa
très sol
très la
très si
très do
ré-mi-fa
sol-la-si
do

Il m'est revenu que vous n'étiez encore pas
à votre leçon de vi-o-lon
Un banjo
vous dites un banjo
comment dites-vous
un banjo
vous dites bien
un banjo
Non monsieur
vous saurez qu'on ne souffre chez nous
ni ban
ni jo
ni gui
ni tare
les mulâtres ne font pas ça
laissez donc ça aux nègres

Palavra-macumba^{vii} - Aimé Césaire

a palavra é mãe de santo
a palavra é pai de santo
com a palavra cobra d'água é possível atravessar um rio
cheio de jacarés
chego a desenhar uma palavra no chão
com uma palavra fresca pode-se atravessar o deserto de um dia
há palavras-remo para afastar tubarão
há palavras iguanas
há palavras sutis, essas são as palavras bicho de pau
há palavras à sombra com despertar em rajadas de cólera
há palavras Xangô
chego a nadar malandro nas costas de uma palavra golfinho

Mot Macumba – Aimé Césaire

le mot est père des saints
le mot est mère des saints
avec le mot couresse on peut traverser un fleuve
peuplé de caimans
il m'arrive de dessiner un mot sur le sol
avec un mot frais on peut traverser le desert
d'une journée
il y a des mots bâtons-de-nage pour écarter les squales
il y a des mots iguanes
il y a des mots subtils ce sont des mots phasmes
il y a des mots d'ombre avec des réveils en colère d'étincelles
il y a des mots Shango
il m'arrive de nager de ruse sur le dos d'un mot dauphin



Apresentação do jornal “*L'Étudiant noir*”, editado por Léon Gontran Damas, Aimé Césaire e Leopold Sedar Senghor, em Paris, 1935 – data dessa época a criação do termo “negritude” para descrever um sentimento de pertencimento a uma identidade coletiva comum, e que, depois, nomearia o que ficou conhecido como “Movimento da Negritude”. O jornal é apresentado, pelos seus editores, quando de sua criação, superando as divisões fronteiriças ocidentais que privilegiam a formação de nacionalidades: “jornal corporativo e de combate, tem por objetivo o fim da tribalização, do sistema clânico em vigor no *Quartier Latin* ! Nós deixamos de ser o estudante martinicano, guadalupenho, guianense, africano ou malgache para não ser mais que um só e mesmo estudante negro”.

Alguns dados biográficos dos autores dos textos aqui traduzidos:

Frantz Fanon (Fort-de-France, Martinica, 20 de julho de 1925 – Washington DC, 6 de dezembro de 1961)

Léon-Gontran Damas (nascido a 28 de março de 1912 na Guiana Francesa e falecido a 22 de janeiro de 1978 nos Estados Unidos)

Aimé Césaire (Basse-Pointe, Martinica, 26 de junho de 1913 — Fort-de-France, 17 de abril de 2008)

ⁱ Pesquisadora do PNCSA (Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia), professora adjunta da UFRRJ, professora do mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia na UEMA e pesquisadora bolsista PCI-CNPq em História da Antropologia – Acervo Luiz de Castro Faria - no MAST (Museu de Astronomia e Ciências Afins).

ⁱⁱ Para maiores informações: VALLE, C. e MARÍN, R.E.A. “O estudante negro na Paris do entreguerras – o caso Léon-Gontran Damas”. In: SISS, A. e MONTEIRO, A. *Educação e etnicidade*. Rio de Janeiro: Quartett e Leafro, 2011.

ⁱⁱⁱ Tradução: Camila do Valle

^{iv} Grifo da tradutora.

^v Tradução: Izabela Leal e Camila do Valle

^{vi} Publicado no livro *Pigments*, Editora Presence Africaine, 1937. Esta editora também foi criada como uma extensão das ações do grupo que se formou em torno do primeiro grupo da “Négritude”, os produtores intelectuais editores e poetas do *L’Etudiant Noir*: Léon-Gontran Damas, Leopold Sedar Senghor e Aimé Césaire.

^{vii} Tradução: Camila do Valle